

EDUARDO BACCARIN-COSTA

*A menina
e o poeta*

(O CONFLITO DE NERI REIS)

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2024

1.

De volta à metrópole

O calor do verão ardia quando o ônibus, vindo do Paraná, entrou no Terminal Tietê, em São Paulo. Eram apenas seis e quarenta da manhã e os primeiros raios de sol já indicavam o quão quente seria aquela terça-feira de janeiro de 1985.

Neri Reis desceu do ônibus olhando para o céu. Depois de uma temporada por Curitiba, Maringá e Londrina onde trabalhara em alguns jornais e tentara viver de sua poesia e de seus escritos, estava em São Paulo para encarar a cidade grande. Embora tivesse conseguido alguns prêmios e tivesse cinco livros publicados, viver de arte e cultura no Brasil era um sonho distante. Quase uma utopia.

Os prêmios conquistados com sua poesia eram em eventos regionais, mas todos viam em Neri Reis uma grande promessa da Literatura. Ele assimilou essa parte da crítica e resolveu fazer, à sua maneira, com que a promessa fosse cumprida. Por isso, escolheu por São Paulo. Para ele, só a partir de lá é que a arte e a cultura podem se impor no país.

Nestes anos que vivera no Paraná, conseguiu, bem “nas coxas”, terminar sua graduação em Letras. Era um curso muito mais próximo da sua poesia do que o jornalismo. Isto aca-

bou se constituindo num plano B para a sua temporada em São Paulo. Caso não conseguisse, num primeiro momento, ser reconhecido como poeta, poderia aventurar-se no magistério e passar para os mais novos o seu amor pelo fazer literário.

Com tudo isso detalhadamente planejado, viver na Terra da Garoa não poderia ser frustrante, imaginava. Mesmo com a recomendação de que deveria desafiar aquela megalópole e dizer a ela que tinha vindo ali para vencê-la, preferia acreditar muito mais na disciplina e no método para superar as adversidades.

Em outras épocas tinha sido mais cético, porém desde que saíra do Le Coq era mais aberto às coisas do mundo, principalmente no que tangia à espiritualidade. A experiência que tivera com Mário Paulo, Débora, Marien e Fabinho¹ tinha sido determinante para muitas coisas do que fizera nos últimos treze anos. E agora, onde estariam cada um deles? O que tinham feito da vida? Talvez fosse a hora de retomar contatos e investir mais naquelas pessoas, seus parceiros naquela experiência mágica.

Assim que estivesse instalado, procuraria manter contato com Mário Paulo. Tinha informações seguras de que o poeta mais velho estava morando em São Paulo, mas não sabia exatamente por onde começar a busca. Talvez, quando tivesse contatos com poetas, escritores e jornalistas, conseguisse encontrá-lo. Quem sabe se Mário Paulo não seria a ponte que precisava para atingir a tão esperada “maioridade literária” que tanto diziam precisar atingir?

1 A história dos cinco amigos você lê em *Liberdade Condicional*, publicado pela Editora Leia Livros em 2021 ou na versão teatral publicada pela Editora Folheando em 2022.

Dúvidas, dúvidas e mais dúvidas. Uma vida de incerteza até ali, na cidade mais mista, mais imprecisa e, no entanto, mais exata do Brasil. Era este o lugar e o homem que entravam numa relação ambígua de amor e ódio com São Paulo. Mais uma entre os milhões que se aventuraram e desistiram ou venceram.

Tomou um café forte ainda na rodoviária, pegou um táxi e foi parar no Windsor Hotel, no centro da cidade. Conhecera o gerente do hotel numa cobertura esportiva que tinha feito no ano anterior e, na ocasião, tinha produzido alguns textos publicitários para a empresa, quando ainda estava em Londrina, sem cobrar nada. O serviço ficou tão bem feito e a gratidão falou tão alto, que o homem prontificou a ceder um apartamento para uns dois dias, caso precisasse, em alguma ocasião.

O momento era esse. Se ficasse até quinta-feira no hotel, conseguiria ver um apartamento ou um pensionato para morar definitivamente. Tinha um pouco de dinheiro no banco e isso seria o suficiente para começar uma vida em São Paulo, acreditava.

Chegou no hotel perto do meio-dia. O gerente não estava. Voltaria após as três da tarde. Neri Reis optou por esperar. Saiu pelo centro, procurando identificar os lugares que já conhecia e onde gostava de estar. Subiu a Avenida São Luiz e foi até à Biblioteca Mário de Andrade. Sentou-se e ficou lendo o que encontrava, especialmente de poesia. Esteve, neste pouco tempo, com dois livros de Mário Paulo. Saboreou com calma cada verso do amigo. O poeta mais velho era realmente uma referência para ele. Orgulhava-se de ter passado três semanas desfrutando da intimidade de um artista da palavra daquela envergadura. Talvez um dia fosse como ele. Agora, porém, não podia perder o foco: encontrar o seu caminho na

Literatura. Lembrou-se, enquanto folheava os livros de Mário Paulo, de um comentário que ele fizera sobre os versos que Neri tinha feito no Le Coq e que dialogavam com a poesia de Murilo Mendes. Foi até a prateleira e procurou alguma coisa do poeta modernista da primeira geração. Leu. Sorriu. Meditou. Talvez a poesia de caráter religioso e metafísico fosse um caminho. Porém, ele gostava de fazer versos apaixonados, intensos, quase orgásticos.

Ficou na biblioteca até umas duas da tarde. Saiu de lá com fome. De comida e de versos. Poemas borbulhavam em sua mente. Precisava de um papel e uma caneta com urgência. Pensou em pegar a Martins Fontes e depois a Augusta, mas decidiu ir na direção do hotel. Desceu a São Luiz e foi comer um PF num bar e restaurante próximo à Praça da República. Deliciou-se com aquele almoço. Os pratos-feitos de São Paulo tinham fama pela quantidade generosa de comida servida. Comer um arroz, feijão, ovo frito e um bife acebolado com linguiça sempre é muito bom, admitiu para si mesmo.

Escreveu vários esboços de poemas em guardanapos e se lembrou de Débora. Seu pensamento alcançou aquela estrada em Joaquim Egídio quando os dois ficaram à beira de um riacho falando sobre a vida, ela com a cabeça recostada no ombro dele. Depois, recordou o beijo quente na despedida do Le Coq. Onde andaria a feminista que era apaixonada por versos e poetas?

Sorriu. Estava estranhamente feliz. Muito mais do que quando saíra do Paraná, quinze horas antes. São Paulo já estaria fazendo a diferença em sua vida?

Olhou para o relógio do bar. 15:20. A esta hora, certamente o gerente, seu amigo, já estaria no hotel e poderia conversar

sobre a estada naquele lugar. Foi andando e cantando algumas músicas que vinham à sua cabeça. No meio da Praça da República, um homem pregava, solitário, a palavra de Deus para uma dezena de pessoas que entre credulidade e sarcasmo ouviam o que ele tinha a dizer. Neri olhou para aquele ser franzino com admiração. Queria ter coragem para dizer coisas nas quais acreditava em praça pública. Nem mesmo a experiência no Le Coq tinha destravado isso nele.

Chegou no Hotel e realmente o gerente já estava lá. Recebeu com um largo sorriso e uma quase indescritível hospitalidade. Quando soube dos planos de Neri para aquela cidade, no entanto, a simpatia começou a mudar. A desconfiança típica do paulistano revelou-se para o poeta, pela primeira vez. No entanto, Brito, o gerente, ouviu com aparente atenção os planos de Neri.

Após detalhar o que pretendia fazer, o gerente sugeriu que procurasse um outro lugar para ficar até a sexta, na hora do almoço, e, naquele dia, poderia entrar no hotel e ficar até a segunda, no mesmo horário. A proposta era, a princípio, atraente. Ao invés de duas, o amigo daria a ele três diárias, desde que ele conseguisse ficar dois dias em outro lugar.

Neri viu a proposta pelo lado positivo e concordou com o amigo. Saiu da Timbiras e entrou na São João procurando um lugar para ficar. As malas, que haviam sido deixadas no primeiro hotel, agora pesavam. Andou menos de duzentos metros e viu o Hotel Caravelas, bem inferior ao Windsor, mas que servia completamente às suas necessidades naquele momento. Fez o check-in e entrou. Estava, enfim, instalado na cidade. Agora poderia, com calma, fazer seus planos.



2.

Choque de realidade

No dia seguinte, Neri acordou tarde. Quase perdeu o café da manhã que era servido até às dez horas. O cansaço da viagem batera pesado. Sonhara com Débora, mais uma vez. Nos últimos dois anos tinha sido frequente sonhar com uma das companheiras do Le Coq. Mais uma vez Joaquim Egídio estava presente na sua memória. Isso foi a primeira decisão que tomou naquele dia: procurar Mario Paulo.

Saiu para as ruas, perto das onze da manhã. Muitos já pensavam em almoçar enquanto estava começando o seu dia. São Paulo estava em ritmo de férias, e em alguns lugares se viam cartazes com a divulgação da programação do aniversário da cidade, que se aproximava.

Passou pela São João com Ipiranga e subiu esta rua, cantando a canção de Caetano Veloso. Pensou quantos milhares de pessoas já tinham feito exatamente este trecho pensando em Sampa. Foi olhando para todos os lados, procurando identificar possíveis lugares onde poderia trabalhar. Na cabeça, dois alvos: jornais ou emissoras de rádio. Posteriormente, se dedicaria aos seus escritos.

EDITORA
www.editorapenalux.com.br
penaluxeditora@gmail.com

CONTATO
E-mail: eduardobaccarin@gmail.com

Livros iluminam

Este livro foi composto em Minion Pro
pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em janeiro de 2024.
